

## **ESTIGMATIZAÇÃO SOCIOESPACIAL: A FIGURAÇÃO ESTABELECIDOS E OUTSIDERS COMO MODELO DE ANÁLISE ENTRE DOIS BAIRROS DE SOBRAL.**

Vicente de Paulo Sousa<sup>1</sup> - Maria Isabel Silva Bezerra Linhares<sup>2</sup>.

### **Resumo**

Esta pesquisa traz uma discussão com questões pontuais de sociologias da violência e de juventude, ambas dentro de um leque numeroso de fatos pertinentes a dois bairros de Sobral. Priorizei as categorias de análise: *estabelecidos* e *outsiders*, estigma, preconceito e violência, para me referir aos conflitos e suas outras qualificadoras nessa relação que poderia ser em princípio de interação. No final, ficou demonstrado que tais categorias existem de fato, colocando os ambientes envolvidos numa relação de forças, às vezes física, mas, prevalecendo os conflitos simbólicos como mecanismos de apropriação de poder.

**Palavras-chave:** *estabelecidos/outsiders*; estigma; preconceito.

### **Introdução**

O trabalho em destaque trata de abordar a relação de “sociabilidade” entre os habitantes de dois bairros de Sobral. Desde já enfatizo que tal relação está focada, sobretudo nos conflitos ali existentes, visto que o fato de um bairro estigmatizar o outro se dá justamente em razão da existência de um discurso que dá conta de que no bairro Dom Pedro (bairro estigmatizado) existe uma tendência maior para a ação criminosa. Destaco também que esse não é um estudo sobre gangues rivais, onde no palco das ações conflituosas devam aparecer apenas os membros desses grupos. Trata-se de uma abordagem sociológica onde se coloca em evidência a existência de um estigma dos moradores de um bairro sobre o outro, donde, tentativas de desqualificação estão sempre eclodindo e deixando cada vez mais “inferiorizado” aqueles que habitam o lado de lá.

Justifico que os motivos que me levaram ao estudo se dão por razões pontuais no terreno movediço em que se dão tais relações. Frequentemente, se ouvem comentários depreciativos sobre o lugar e, conseqüentemente os moradores. Diante da generalização, quis saber se o estigma é uma marca carregada por todos, ou melhor, será que é arbitrário um grupo se achar no direito de estigmatizar outro? E por quais razões, e quais fundamentos? Esses foram meus objetivos.

### **Metodologia (Materiais e Métodos)**

Para a realização dessa pesquisa me orientei pelos moldes etnográficos. Inserido no campo da pesquisa, tive a oportunidade de ver e ouvir relatos dos moradores dos bairros envolvidos. Estive presente em escolas, dentro dos ônibus coletivos, utilizei os serviços de mototáxi, bem como a conversa informal, mas muito precisa com os moradores. Direciono esta pesquisa para o tipo qualitativo, assentado na observação participante, esta, na pesquisa social configura-se como a técnica pela qual o pesquisador no intuito de apreender a dinâmica social de representações e

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais- (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA); Especialista em Gestão de Organizações Sociais-(Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA). E-mail: vicentypsousa@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora: Doutoranda em Sociologia- (Universidade Federal do Ceará – UFC); Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPCJU). E-mail: isabelblinhares@yahoo.com.br

instituições de um grupo específico, “participa do cotidiano destes, de forma a tentar perceber como os “nativos” pensam, as diferentes formas de sociabilidade” (FREITAS, 2006), obrigando assim, “os sujeitos e o investigador a uma *participação* ativa onde se compartilham modos culturais” (TRIVIÑOS, 1987).

Ciente da complexidade e da sensibilidade na pesquisa social tive o cuidado de não mencionar nomes, nem tampouco referir os nomes verdadeiros dos bairros, os nomes aqui colocados são alcunhas fictícias do ponto de vista identitário real. Isso não se deu com intuítos tendenciosos, mas, com o devido respeito para com aqueles inseridos nesse campo coberto com os véus escurecidos do preconceito e do estigma, preservá-los é uma atitude ética no respeito à sua condição moral.

### **Resultados e Discussão**

O Complexo São José foi criado em 1966 pelo então Prefeito Cesário Barreto. O nome real desse bairro é uma homenagem à doadora do terreno, donde consta que tal senhora se destacava muito no meio social por sua generosidade e desprendimento dos bens materiais (Jornal O BAIRO, 2009). Está situado num dos extremos da cidade e, atualmente, é considerado maior que alguns municípios vizinhos. Isso de alguma forma tem contribuído para a geração de alguns embarços no que concerne aos dados reais. É que por ser um Complexo, sua formação está fincada na reunião de outros conjuntos habitacionais, diante disso, os habitantes do bairro Dom Pedro por vezes ficam sem saber onde estão de fato, certamente, o que gera ainda maior confusão é a falta de clareza dos órgãos prestadores de serviços básicos que a seu bel prazer confundem os endereços nas faturas de pagamentos. Vale ressaltar que o bairro Dom Pedro também se forma da reunião de outros conjuntos menores. O fato é que para se separar quem é de qual lugar existe uma divisória bem eficaz e prática nessa identificação; uma avenida com duas via super movimentadas que separa os dois bairros. Mas ainda focalizando a identificação espacial, o bairro Dom Pedro de acordo com dados oficiais, inclusive quando se consulta o cadastro dos Correios, é mesmo um bairro desmembrado do outro estudado, ou seja, não é mais um conjunto habitacional que compõe o Complexo São José, muito embora, a polêmica identitária sobre este, ainda persista.

A formação do bairro Dom Pedro se deu na segunda metade da década de mil novecentos e noventa, resultado de uma iniciativa emergencial causada pelas chuvas. É que algumas famílias de uma região do Complexo estavam morando num lugar que não dava nenhuma condição de habitação devido a lama, inclusive, tal lugar era chamado de “Pantanal”, muito embora tivesse outro nome, o que já se enxerga aqui, uma predominância de chacotas com os moradores, e, isso iria piorar quando mudassem para o novo espaço, só que agora, eles teriam outro apelido, “*próprio daqueles que não têm terras*”, o tom depreciativo só tomaria outra conotação.

Na época, a Prefeitura cedeu o terreno e os materiais para a construção, cabendo também aos futuros moradores ajudar na obra. Formou-se ali uma pequena vila de casas, mas no entorno dessa, ainda havia um grande latifúndio que mais tarde deu lugar às casas populares de iniciativa governamental. Isso se deu no início dos anos dois mil, com cadastramentos, reuniões e todo o processo de inserção dos próximos residentes para aquela comunidade. Somente em 2005, é que foram entregues as primeiras casas, não demorando a completar todo o empreendimento habitacional hoje existente. Desde já sinalizo para o fato de que o bairro Dom Pedro tem na sua composição, a reunião de outras pessoas pertencentes diversos bairros de Sobral. Ao contrário da comunidade de Winston Parva, na obra de Elias & Scotson (2000), o estigma não reside aí, na diversidade de pessoas nem tampouco na formação recente desse bairro se comparado com o Complexo São José.

Anteriormente destaquei que não seria um estudo sobre gangues rivais, mas, abro exceção para dizer que quando abordamos sobre violência nas periferias das cidades, é possível que tais facções tenham lá sua participação para esse debate. O fato é que não se sabe quando, se iniciou um comentário de que quase todo ato violento acontecido em toda a região do Complexo São José era ação cometida por pessoas do lado de lá. Não omito que a tempos atrás havia sim uma rivalidade entre alguns indivíduos de ambos os lados, mas, porque isso aconteceu não posso contemplar agora, pois, me dedico nessa abordagem discutir o estigma já existente.

Destaco aqui que já ouve muitos casos de violência no bairro Dom Pedro, muitos jovens tiveram suas vidas ceifadas, outras pessoas que habitavam noutro lugar foram vítimas também daqueles do lado de lá. Mas um dado curioso nessa discussão é que existe uma rivalidade bem acentuada entre alguns jovens desse bairro com os de outro, também vizinho, mas que não é o Complexo São José. É aqui que começa a se tecer os fios que embaraçam essa relação conflituosa. Alguns jovens do bairro vizinho ao Dom Pedro se aliaram a outros do Complexo São José, os motivos deixo para entender num outro momento da pesquisa. Mas nisso tudo quem saiu perdendo foram os do bairro Dom Pedro, que para ir ao centro da cidade, têm que passar nos arredores do bairro vizinho, bem como não poderem explorar outros ambientes do Complexo São José pelo fato de lá existir quem apoie os do bairro vizinho ao Dom Pedro. Este, para melhor entender, fica entre os dois bairros que o rivalizam.

Localizado nessa trincheira conflituosa, logo, recebeu o “título” de zona de perigo. Se um fato criminoso acontece em qualquer um dos bairros com rivalidades, não demora muito para se ouvir dizer que foram os do lado de lá. Os habitantes do Complexo São José têm verdadeira aversão ao Dom Pedro, tecem os mais depreciativos e jocosos comentários; pertencer a este lugar consiste em carregar um estigma de segregação muito forte, capaz de incutir nas mentes as mais absurdas

inquietações. Uma senhora ia todos os dias para o trabalho caminhando, pois, segundo o que ouvi dela, era que não fazia nenhuma questão de esperar pelo ônibus que faz a rota Complexo São José ao centro da cidade pelo fato de se sentir inibida com os olhares que eram lançados sobre ela pelos usuários. Segundo a mesma, era como se ela estivesse suja ou fosse perigosa, percebia que as pessoas ficavam incomodadas com sua presença.

Vale ressaltar que esta mesma linha de transporte público que hoje contempla o bairro Dom Pedro, sofreu com a resistência dos moradores do Complexo que fizeram inúmeras tentativas para que a linha não passasse por lá. Quando se usa esse transporte, não é muito difícil de ouvir de algumas pessoas comentários com inclinações pejorativas logo que se aproxima desse bairro. Constata-se muito isso nos horários em que alunos voltam de suas escolas no centro da cidade. Quem nunca já ouviu algo como: “Te abaixa fulano, olha as balas”, ou “Estamos na linha vermelha, cuidados com as pedras”, ou ainda “Cuidado com as bolsas”.

É como se houvesse um estereótipo formado nas mentes de que pertencer aquele lugar já é uma condição suficiente para ser marginal, inferior, pobre, e, toda aquela gama de qualificadoras que sustentam esse estereótipo. Nessa morte social e coletiva, não escapa ninguém, todos são jogados no mesmo bojo donde só se podem esperar ações de degeneração moral. Para muitas pessoas (ignorantes), morar em zonas periféricas é a concepção de uma organização criminosa a priori, como se escolhessem estar ali, e que isso não é o resultado de uma desigualdade social exacerbada. Isso é uma forma de apaziguar a culpa, é uma conveniência, fica mais fácil culpá-los por sua condição de miseráveis. Sobre essa segregação, Aragão (2008, p.37) ressalta: “O bairro pobre, invariavelmente, está associado à violência e à delinquência, de tal forma que todos os habitantes passam a representar, para a Cidade mais ampla, fonte de ameaça social, perigo, desvio e ilegalidade”.

Existem escolas em todos os bairros aqui mencionados, mas, quando alguns jovens vão estudar em escolas do Complexo São José, não deixam de ouvir chacotas dos outros alunos pelo fato de serem do lado de lá (do Dom Pedro). Fazem perguntas sobre ações acontecidas, muitas vezes inventadas, porque o intuito mesmo é achincalhar, os tornando vulneráveis aos insultos dos demais. Certa vez, fiz um trabalho para a Secretaria de Educação do Município numa escola do Complexo, eu presenciei diversas vezes crianças nos momentos de conflito, se lançar contra os outros os acusando de serem os do lado de lá. Isso mostra o quanto é reprovável ser do Dom Pedro, na concepção dos moradores do Complexo. De vez em quando, estes dão conta de ações criminosas acontecidas no lado de lá. A maioria desses boatos não tem fundamento nem comprovação, pelo fato de algumas pessoas serem interrogadas sobre tais acontecimentos e, comprovarem que isso jamais aconteceu. Outro dia, uma pessoa que trabalha numa unidade de saúde do Complexo (esta

mora no Dom Pedro), ligou para a casa de um vizinho pedindo para seus filhos ficarem dentro de casa, pois, havia chegado à referida unidade, uma pessoa lesionada à bala (pretensamente do Complexo) e, que a qualquer hora o Dom Pedro seria invadido por criminosos sedentos de vingança, não sendo respeitados nem os inocentes. Moral da “história”: este rapaz se envolveu com pessoas de lá mesmo do Complexo, não havendo nada de verdade naquilo que culpavam os do Dom Pedro. As pessoas nem se dão o trabalho de colher as informações corretamente, fica mais fácil e cômodo culpar os do lado de lá, afinal, parece que as mentes já se conformaram em acreditar na degenerescência daqueles que consideram mais pobres, por isso mesmo mais propensos à desordem.

Decidi fazer uma análise sobre essa situação levando em conta nesse momento, o estigma existente, até gostaria de me estender sobre outras questões (mas esse trabalho não me permite agora por uma questão de obediência ao formato estabelecido), pois, uma descrição por mais densa que seja nunca será o suficiente, afinal, nas malhas bem tecidas e apertadas das interações sociais, sempre existe algo para se contemplar, bem como outro que se reformula dando origem a novas questões, por isso mesmo Geertz (1989) considera a cultura como uma apreensão semiótica, um texto que deve ser escrito e bem interpretado, isso se quisermos ter êxito em nossas proposições etnográficas.

Parece pouco abordar apenas um item nessa pesquisa, mas conforme Mauss (1979, p. 103) “Em realidade, tudo o que é social é ao mesmo tempo simples e complexo”, ou seja, através de uma única variável é possível se chegar às demais. A figuração *estabelecidos* e *outsiders* é utilizada por Elias e Scotson (2000) num estudo sobre uma comunidade inglesa, situada nos arredores de Londres. Lá existia uma ruptura social no que concerne às concepções adquiridas por aqueles que estavam lá há mais tempo, eram os *estabelecidos*. Achavam-se mais organizados, coesos, cultural e moralmente mais “superiores” aos demais, os *outsiders*. Estes, estavam lá há menos tempo, vindos até de outros países como refugiados da Segunda Guerra, mas, existiam também pessoas da Inglaterra. Em se tratando de grupo, essa era a diferença existente entre os habitantes, pois, não se destacavam mais expressivamente como classe social economicamente dominante. De acordo com os autores, “(...) a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 22). Numa definição mais precisa do termo outsider, Becker (2008, p.27) conclui que usa esta “classificação” “(...) para designar aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros “normais” do grupo”.

Goffman (1988) trabalha com a ideia de estigma para se referir a todas as manifestações que anulam de alguma forma o ser humano. Aragão (2008, p.35) encontra nas reflexões de Goffman:

(...) a idéia de preconceito ao de estigma, característica que reduz uma pessoa comum a uma pessoa estragada e diminuída. Afasta do sujeito estigmatizado sua humanidade, e reduz suas chances de vida, à medida que torna as pessoas menos desejáveis, porque más, perigosas ou fracas. Tais atributos – defeitos – são profundamente depreciativos e levam os indivíduos, assim alcunhados, a serem excluídos do mundo dos “normais”.

Quais as razões que levaram os moradores do Complexo a se posicionar dessa forma contra os do Dom Pedro? Essa postura de anulação e indiferença pode fazer com que os estigmatizados se comportem como que desafiando os “superiores”. Recordo que há uns três anos atrás, quando a linha de ônibus não havia trocado seus modelos de transportes, a entrada de passageiros se dava pela parte traseira. Nessa época, um grupo de mais ou menos cinco menores passavam os dias perambulando entre o bairro Dom Pedro e o centro, pareciam mesmo à margem de tudo, andavam sujos, falavam alto (sobretudo com um discurso violento), donde se percebia que era mesmo uma forma de chocar os passageiros, portavam mini garrafinhas de refrigerantes com um líquido amarelado e gelatinoso, que cheiravam constantemente. Entravam e não pagavam passagem, era uma balbúrdia só, pessoas trocando de lugar, motorista que saía do seu posto e tentava expulsá-los de dentro do ônibus. Os olhares de espanto e indiferença saltavam aos olhos. Pareciam pessoas desprotegidas no meio de lobos vorazes.

Ao que me parece isso é uma demonstração clara do que Bourdieu (1998) denomina de violência simbólica. Isso se configura segundo ele como uma luta de posições por parte de uma classe sobre outra, tentam impor suas ideologias nessa luta também simbólica e não menos eficiente, conduzem isso na vida cotidiana com o intuito de reforçar a “domesticação dos dominados” (BORDIEU, 1998). Nesse contexto, uma grande parcela dessa população estigmatizada sai num prejuízo maior: os jovens, estes, desprovidos de quase tudo, têm ainda sua dignidade jogada no vão escuro da indiferença, ninguém lhes percebe, mas se forem notados, é para relativizar ainda mais sua condição “inferior”. Soares (2004) considera que um jovem negro e pobre é invisível pelas ruas das cidades, essa invisibilidade decorre da indiferença, do preconceito e do estigma, essas são maneiras de tornar alguém invisível, enfatiza o autor. Ainda para ele,

Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. (...) Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de ela existir. Prever seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas. Como aquilo que se prevê é ameaçador, a defesa

Suponho que possa ser possível fazer uma analogia dessa teoria com aquilo que acontece entre os bairros aqui estudados. Tal estigma já extrapolou as outras zonas da cidade, utilizar os serviços de mototáxi por esses moradores é algo bem humilhante, às vezes; se o passageiro disser que vai para o bairro Dom Pedro, logo ele é avisado de que para este bairro não é possível se realizar o frete. Com tal “fama” espalhada por aí, acredito que possa existir um impedimento também na hora de jovens buscarem empregos, certamente deva haver constrangimento na hora das entrevistas, visto que o candidato não pode mentir na hora de dizer onde mora. Quais são as chances desses jovens? Sobre tais conjecturas me aprofundarei numa outra oportunidade. De acordo com Júnior e Medeiros (2005, p. 216), “Há um naturalismo e determinismo identificados à associação da juventude pobre com a violência. Ao acatar esta situação como inevitável, a sociedade se abstém de se analisar criticamente, refletindo acerca das suas contradições”. Isso só reforça a ideia de preconceito nessa relação, a conclusão de tudo não reside apenas num único olhar, à priori já estereotipado, violento e estigmatizado.

E se as portas do “mercado de trabalho” se fecharem para essas pessoas mais vulneráveis ao resultado seletivo dos cargos e ocupações do sistema produtivo? Primeiro porque falta qualificação na base, e depois, por uma gama de situações pensadas e ativadas para não oportunizar esse público. Como é que fica esse jovem privado de consumir, em meio aos incontáveis apelos midiáticos com seus tipos ideais, estereótipos de beleza e bem estar? A publicidade te diz a todo o momento que aquele produto anunciado, você pode ter um. Sem emprego fica difícil, e o que fazer? É preciso dar um jeito, afinal, os jovens da periferia também sonham com bem estar, glamour e toda a sorte de benesses que os outros também têm. O discurso que predomina não é o da inclusão? Ter muitas coisas no mundo contemporâneo não é sinal de visibilidade? Como obter tudo isso carregando uma marca tão profunda como o estigma lançado sobre eles? Suponho que nos recônditos de nossa imaginação, logo direcionamos essas indagações para outra questão, mas, isso só é possível de se constatar com um aprofundamento mais intenso sobre o assunto. Cabe-nos agora pensar sobre a existência do estigma, do preconceito e da indiferença como mecanismo de morte social, já que o estigmatizado não é nem visto quanto mais lembrado.

### **Conclusão (Considerações Finais)**

Diante do que foi exposto, considero que a relação entre os bairros aqui estudados é uma situação de legitimação de poder. Mesmo que hajam armas propriamente ditas envolvidas nessas circunstâncias, não se pode deixar de considerar que os instrumentos simbólicos de consolidação de prestígio estão totalmente envolvidos nessa teia, que num imenso emaranhado de situações,

moldam nos aspectos cultural, social e político o mosaico formador de uma visão de mundo, e que transportado para uma esfera mais microssocial, não deixa de representar as reproduções de um modo mais amplo. É por isso que Elias e Scotson (2000) acreditam que a figuração *estabelecidos* e *outsiders* serve como um paradigma empírico para que possamos analisar outras situações minimamente parecidas com a que eles investigaram.

O resultado dessa comparação foi a percepção de que existe uma relação conflituosa entre os bairros envolvidos, isso se dá na forma de violência simbólica acima de tudo, que com seus mecanismos de manipulação e disseminação de boatos, acabam por estigmatizar todos aqueles que se encontram inseridos no lado de lá, deixando-os suscetíveis ao relativismo, à segregação e à indiferença.

### **Referências**

- ARAGÃO, Elizabeth F. Novas modalidades de preconceito: a “discriminação por endereço”. Fascículo – 02-Responsabilidade social: futuro sustentável é futuro de paz. Curso: **Responsabilidade social e sustentabilidade para um mundo melhor**. Universidade Aberta do Nordeste e Fundação Demócrito Rocha, 2008.
- BECKER, Howard Gaul. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar Ed.. 2008.
- BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FREITAS, Nilson Almino. **Pesquisa Social**: dilemas da “arte” de produzir o conhecimento científico. Impresso, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- Jornal **O Bairro Sinhá Sabóia**. Ano III. Edição 09. Setembro de 2009.
- JÚNIOR, Edísio F.; MEDEIROS, Katia. Desrespeito à Imagem: a brutal exposição do jovem morto. In: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; JÚNIOR, Edísio F. (orgs.). **Jovens & Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.
- MAUSS, Marcel. A Prece. In: O. Roberto C. de (org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.